

A comunicação entre tensões epistemológicas: Tecnologia, poder e controle e os desafios das interações, alteridades, igualdades e vínculos

Jairo Ferreira
Potiguara Mendes

O fio condutor deste novo número de **Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação** explicita uma indagação sobre o que é comunicação. Os artigos podem ser situados, de um lado, no debate epistemológico sobre o lugar da tecnologia e do poder e, de outro, nos processos de interação, vínculos e alteridade. Ambos construtores de relações entre os indivíduos e, conseqüentemente, objetos de estudo e pesquisa do campo da comunicação.

O artigo de **Adriana Braga** e **Adriano Rodrigues** busca articulações possíveis entre duas abordagens: Marshall McLuhan e Niklas Luhmann. No primeiro, destaca-se a proposição de que “são as tecnologias que formam o ambiente da sociedade”; no segundo, a comunicação entendida como “processo de troca dos sistemas sociais com o ambiente”.

O artigo de **Lucrécia D’Alessio Ferrara** situa os meios técnicos como centrais nos processos midiáticos e os coloca numa problemática que insere a comunicação no campo de questões políticas: “comunicação é mídia, e seu reconhecimento se confunde com sua eficiência receptiva ou com o impacto do seu espetáculo midiático”. A indicação é reduzir a epistemologia do campo ao estudo das engrenagens tecnológicas.

Para a autora, temos aí uma perspectiva epistemológica que é imediatamente política, pois acionada pelas estratégias, pelo poder e pelo controle. O outro lado é constituído por perspectivas que pensam a comunicação naquilo que não está sob controle, de forma descentralizada e em alteridades. Os encaminhamentos vão no sentido de pensar se as epistemologias do século XXI, em curso de construção, não serão encantadas “pela tecnologia, mas, permitindo-se conviver com ela, [o que] concretizará todas as possibilidades de descobertas que só se realizarão se forem construídas, em tempo real e espaço planetário, entre mentes e corpos em contato, mas sem isomorfias ou simetrias”.

Essa tensão também pode ser vista no artigo de **José Luiz Braga**, que recorre a Foucault para pensar o conceito de dispositivos interacionais. Explicita-se o seguinte plano reflexivo: “Para esse trabalho de tensionamento e transferências, vamos tratar (a) da existência de tipos diferentes de dispositivos; (b) de abrangências variáveis dos sistemas de relações (micro e macro); (c) do risco de ênfase excessiva no ‘dispositivo pronto’; e (d) da necessidade de ir além das regras de funcionamento do dispositivo, chamando a atenção para os processos inferenciais, para ajustes que continuam a se exercer nos arranjos”.

Especificando que seu objeto são os dispositivos de comunicação, o autor sugere que estes se referem menos aos dispositivos prontos, e mais aos processos de construção social que se articulam aos processos inferenciais, em que ajustes estão em permanentes acionamentos para que as interações sejam viabilizadas para além do que é disciplinar, poder e controle.

Também dialogando com a questão do poder em Foucault, mas a partir de Jacques Rancière, **Ângela Cristina Salgueiro Marques**, **Ana Karina de Carvalho Oliveira** e **Jean-Luc Moriceau** apresentam e refletem sobre o “método da igualdade”. Trata-se aí não da igualdade formal, plasmada inclusive no discurso de direitos humanos, mas de dar voz ao que é subalterno além dos sistemas de poder que configuram para a compreensão das formas de subversão e resistência. Assim, “o método igualitário de Rancière consiste em procurar nas narrativas das pessoas a subversão de uma performance da desigualdade”.

O artigo de **Ramon Bezerra Costa** retorna à questão das interações e trata da busca de referências valorativas à comunicação como o processo de constituição dos vínculos que organiza os modos de vida, em que a confiança aparece como valor demandado para sua realização. Nessa perspectiva, o autor converge com autores da área sobre a questão de o vínculo ser referência central para pensar a comunicação, mas agrega a dimensão da confiança.

Os dois artigos posteriores apresentam aportes teórico-metodológicos acionados em pesquisas empíricas. **Demétrio Soster** dá continuidade à sua perspectiva de investigação do jornalismo além das rotinas, técnicas e protocolos do fazer jornalístico quando em situação de meios em redes digitais. O ingresso de atores no processo de construção da notícia coloca em xeque percepções e interpretações dos especialistas da notícia, redirecionando a semiose no âmbito dos processos midiáticos. Em termos epistemológicos, trata-se de, considerando-se os processos na perspectiva da circulação, “admitir que estamos diante da necessidade de novas gramáticas interpretativas, à medida que os cenários de análises são antes assimétricos que simétricos, onde a linearidade dá lugar à

heterogeneidade e se dissolvem, entre outras, as noções de equilíbrio e causalidade”.

O artigo de **Maria Cristina Dias Alves**, que fecha este número, apresenta o percurso metodológico utilizado em pesquisa que investiga os processos de criação na publicidade. Também na trilha do conceito de dispositivos (Foucault, Agamben, Deleuze) e midiatização (Braga), a autora busca compreender três modelos de agência de publicidade: tradicional, digital e colaborativa. Conforme a sua investigação, sugere que a etnografia pode ser um recurso metodológico para o estudo dos dispositivos, recortados pelas perspectivas da midiatização.

Boa leitura!